



A UBE cinquentenária nos caminhos pernambucanos da literatura

Alexandre Santos

Comentário sobre a importância da cinquentenária União Brasileira de Escritores na cena literária de Pernambuco.

Como nos demais campos da vida e da morte, da ciência e da arte, do azar e da sorte, Pernambuco sempre esteve na guarda e na vanguarda da literatura brasileira. A jornada que começou com a Prosopopéia, em 1601, pelo talento de Bento Teixeira, nunca se deixou barrar e, mesmo nos momentos mais difíceis, quando parecia domada e estancada, soube contornar obstáculos e empunhar bandeiras novas e antigas, dando passos firmes rumo a futuros quase sempre incertos, mas sistematicamente inovadores e ousados. De fato, cumprindo uma trajetória iniciada em bicos de pena no século XVII e que adentrou o terceiro milênio nos teclados digitais, passando por lápis e canetas, a literatura pernambucana, miscelânea de estilos que retratam a multiculturalidade e interculturalidade da nossa nação estadual, despontou num horizonte distante e na sua caminhada pelos séculos atravessou fronteiras, escalou montes, cruzou o Atlântico e ganhou o mundo.

Através de letras que refletem os sonhos e pesadelos de um povo que, no passado, se espalhava por terras que hoje abrigam potiguares, paraibanos, alagoanos, sergipanos, baianos e, até mesmo, mineiros e que, nos dias correntes, estão apenas no delta do Capibaribe, nas planícies praierais do litoral, na zona da cana na mata, no planalto agreste e no árido e rico sertão, revelando fios e rios, humores e calores e pobreza e riquezas, a voz dos pernambucanos desafiou os tempos e os ventos, navegou mares e ares e avançou, incrustando a história e o sentimento da nossa gente e da nossa terra na universalidade mundial. E numa viagem mágica, embalada por baiões e maracatus tangidos por caboclinhos enfezados, em livros escritos, pintados e cantados, o mundo vem conhecendo a civilização do mangue, o cheiro da cana e do sargaço, a dor das feridas rachadas no chão pela seca sazonal, a ciranda de Lia, as carrancas do São Francisco, as Igrejas de Igarassú, as ladeiras de Olinda, as pontes do Recife, as águas de Bonito, os mistérios da caatinga, as colinas de Garanhuns, o frio de Triunfo, os engenhos de Vitória, os papangus de Bezerros, os caboclos de lança de Nazaré da Mata, o frevo de todos nós.

Gêneros e estilos se misturam. A erudição convive com o popular em obras narradas em verso e prosa. E um burburinho literário anuncia a presença dos escritores pernambucanos, curtidos no sol e na chuva, ávidos para escrever sobre as secas do sertão e as enchentes do litoral, como fez Manuel Correia de Andrade; sobre as guerras libertárias contra todos os tipos de opressores e invasores; sobre a Confederação do Equador; sobre as misérias e as riquezas da cana-de-açúcar, como fizeram José Honório Rodrigues e Joaquim Ribeiro; sobre Antônio Conselheiro e Padim Ciço; sobre Maurício de Nassau e sua corte,

como fez José Antonio Gonsalves de Mello; sobre os mistérios descobertos por Frans Post e Albert Eckhroust; sobre a Revolução Pernambucana, como fez Amaro Quintas; sobre a Confederação do Equador; sobre a Revolta Praieira, como fez Costa Porto; sobre as pelejas do demônio contra o povo de Deus; sobre o crime do padre Osana, como fez Ana Maria César; sobre Lampião e Theophanes Ferraz Torres, como fez Geraldo Ferraz; sobre os rios que molham o Recife e constroem o oceano, como fizeram Mário Souto Maior e Leonardo Dantas Silva; sobre Duarte Coelho e seus sucessores, como fez Mário Sette; sobre o grito libertário dos Mascates; sobre a pujança econômica de Pernambuco Colonial; sobre a história pernambucana, como fizeram Nelson Barbalho e Oliveira Lima.

Por todo o Estado, percorrendo estradas que levam lembranças e esperanças, dobrando esquinas que renovam cores e sabores, enveredando becos que ecoam sussurros de amor e paixão, ganhando praças que testemunharam gritos de liberdade e muitos carnavais, mirando as preciosas águas que jorram vida pelo São Francisco, Capibaribe, Ipojuca, Una e Pajeú, singrando salões de saliências e reminiscências, mercados de pureza e esperteza, os escritores pernambucanos derramam sua arte. Em cada um dos 184 municípios que pintam os atuais 98.938 km² do Estado há pernambucanos escrevendo e declamando em movimento espontâneo que, cedo ou tarde, constrói confrarias literárias. E, nesse embalo, pululam grêmios, associações e academias que congregam amantes das artes literárias, compondo uma teia semi-anárquica que tem como único ponto em comum o amor às letras.

E, nesse panorama, além da centenária Academia Pernambucana de Letras e da Academia de Letras e Artes do Nordeste, que congregam números fixos de autores consagrados, se destaca a União Brasileira de Escritores (UBE-PE) – uma entidade aberta a escritores dos quatro cantos do Estado, que abriga mais de 800 sócios. Por acolher escritores de todos os gêneros e estilos, prestigiando autores populares e eruditos e abominando todas as formas de preconceito, a UBE passou a ter a devida designação de 'Casa do Escritor', uma referência que, além da confiança do mundo literário e cultural, lhe dá mais prestígio e respeito nos diversos círculos com os quais se relaciona.

Em 17 de janeiro de 2008, Pernambuco vai comemorar o primeiro cinqüentenário da União Brasileira de Escritores, a Casa do Escritor, cuja sigla, UBE, se converteu em sinônimo de irmandade de escritores. São 50 anos de existência movimentada como movimentada é a literatura. Momentos de lirismo, de culto ao belo. Momentos de rebeldia, de engajamento político. Momentos de cautela, de aparente marasmo. Momentos de fulgor, de ebulição intelectual. Momentos de calmarias e anamarias que a renovam diariamente, deixando histórias e experiências, mas, nunca cicatrizes, rugas ou cacoetes.

Na vida da UBE, iniciada formalmente em 17 de janeiro de 1958, a historiadora Aduza Belo inclui o período no qual os escritores pernambucanos se articulavam no âmbito da Associação Brasileira de Escritores (ABDE) criada em 1949, na efervescência do pós-guerra à semelhança das ABDE's que existiam na capital da República, o Rio de Janeiro, e em São Paulo, por jovens idealistas animados por paixões artísticas e políticas, como Abelardo da Hora e sua esposa Margarida, Aderbal Jurema, Aroldo Bruno, Amaro Quintas,

Lucilo Varejão Filho, José Nivaldo, José Rodrigues, Vanildo Bezerra, Olímpio Bonald Neto e outros. Durante nove anos, sob a liderança de Abelardo da Hora e guiada pelo amor às artes e pela vontade de mudar o mundo, a ABDE congregou escritores e artistas plásticos no Estado de Pernambuco em encontros realizados em livrarias, notadamente na Livraria do Nordeste, na Rua da Imperatriz. Tendo como pano-de-fundo a guerra fria que ganhou corpo nos anos 50, a ABDE foi palco de aguerridos debates ideológicos que a transformaram de comportada associação literária em buliçosa agremiação política. A politização da entidade cobrou uma prenda elevada, pois, no embalo de encontros e desencontros, a tênue estrutura que a mantinha não resistiu e a Associação Brasileira de Escritores em Pernambuco chegou ao fim. A débâcle da ABDE, no entanto, não conseguiu desarticular os escritores, que, pouco a pouco, se reorganizaram em pequenos grupos que se reuniam no Café Laffayette, no Gráfico Amador e na Associação de Imprensa de Pernambuco (onde funcionava a chamada Ordem da Toalha – uma confraria criada por Cesário de Melo na qual os membros se comprometiam a mensalmente fazer uma boa ação e ler e comentar um livro), num processo que levou à criação da União Brasileira de Escritores na Rua Amélia, nas Graças, em 1958, sob a liderança de Gastão de Holanda, Carlos Pena Filho e Paulo Cavalcanti, que foi seu primeiro presidente.

Os primeiros anos da UBE em Pernambuco não foram fáceis. Já em 1959, o presidente Paulo Cavalcanti precisou se afastar para tratamento de saúde e a entidade ficou aos cuidados de Audálio Alves e Abelardo Jurema. Nos anos subseqüentes, como que restaurando o impulso participativo que levava à politização da antecessora ABDE, a UBE rechaçou os encantos da alienação e mergulhou nos debates políticos em torno das reformas de base propostas pelo presidente João Goulart. Estar ao lado do povo, como devem fazer os artistas, custou o desmantelamento da UBE. Em 1964, com a instauração do regime militar e prisão de Paulo Cavalcanti, a entidade que vivera apenas cinco anos foi forçada a suspender as atividades. Em estado de hibernação, a espera de uma oportunidade para ressurgir, a UBE-PE permaneceu vinte anos silenciada. Mesmo assim, de vez em quando, desafiando a mordaca imposta pelas baionetas do autoritarismo – que, com razão, temia o funcionamento das entidades intelectuais –, os escritores manifestavam o espírito irrequieto da UBE em reuniões, muitas das quais realizadas à luz de velas.

Mas, graças a Deus, não há mal que sempre dure e, em janeiro de 1984, com a redemocratização, a UBE ressurgiu e pode reabrir os braços para restaurar a Casa do Escritor Pernambucano, acolhendo a todos com o respaldo institucional indispensável às boas lutas. Naqueles dias, por iniciativa do potiguar Fagundes de Menezes, os escritores Paulo Cavalcanti, Vital Corrêa de Araújo, Lucilo Varejão Filho, Nelson Saldanha, Juarez Correia, Tereza Tenório, Olímpio Bonald Neto e outros se reuniram na sede da OAB, dando início ao processo de reorganização da UBE, que, no início desta segunda fase, teve jurisdição até o Rio Grande do Norte. Mais uma vez, Paulo Cavalcanti foi convocado pelos escritores pernambucanos para presidir a UBE, abrindo uma galeria que, depois, foi ocupada por Nagib Jorge Neto, Frederico Pernambucano de Melo, Dione Barreto, Olímpio Bonald Neto, Flávio Chaves, Vital Correia de Araújo e, agora, em função de afastamento momentâneo do titular, por mim.

Ao longo de toda a sua existência, a UBE-PE tem se mantido fiel ao espírito que a faz ser conhecida como a Casa do Escritor Pernambucano, realizando projetos literários de cunho popular e erudito e apoiando entidades e causas, especialmente as vinculadas ao 'movimento de valorização do livro e do autor pernambucano'. Ao tempo que abraça todas as manifestações literárias, prestigiando a pernambucanidade que nosso escritor transpira e suspira, a UBE-PE se insurge e mobiliza forças para barrar as sistemáticas investidas de setores interessados em fazer prosperar um regime nefasto de hegemonia cultural do eixo sudestino.

A defesa que, hoje, a UBE faz da pernambucanidade e dos valores mais sublimes da humanidade não é nova. Na realidade, embora, para os registros burocratas, só tenha nascido em 1958, a história mostra que, com outros nomes, sempre existiu uma 'UBE' para congregar os escritores pernambucanos em torno da literatura e das boas causas. Quem duvidar que veja a constituição das confrarias que empurraram as memoráveis campanhas pela independência, pela república, pela abolição, pela democracia, pela paz, pelo amor.

(*) Alexandre Santos é presidente da Academia de Letras e Artes do Nordeste.